

O VOTO E A VINHA

Setembro encontra o Brasil a um mês das urnas. O país se prepara para uma eleição decisiva em meio a um cenário global conturbado: tensões geopolíticas, erosão da confiança nas instituições, desinformação generalizada. O ambiente político, dentro e fora do país, parece mais propenso ao grito do que ao diálogo, mais inclinado à condenação do que à escuta.

É nesse contexto que a liturgia deste mês oferece um contraponto silencioso, mas incisivo. Aborda temas que o debate público insiste em ignorar: a correção fraterna, o perdão sem medida, a gratuidade divina, a primazia das obras sobre as palavras. Não são temas novos, mas ganham urgência quando o país se prepara para escolher seus rumos.

A ideia de que somos responsáveis uns pelos outros, que o erro do outro não nos exime do dever de adverti-lo com caridade soa quase ingênua em tempos de linchamento virtual e cancelamento sumário, mas, é o que a tradição bíblica propõe: que a correção seja feita no particular, entre dois olhos, sem plateia. Quantas acusações nas redes sociais resistiriam a esse crivo?

O perdão, por sua vez, é apresentado não como fraqueza, mas como a única força capaz de romper o ciclo da violência. A parábola do servo implacável ecoa em cada campanha eleitoral em que adversários são tratados como inimigos a ser ani-

quilados, não como concidadãos com quem se discorda. Guardar rancor, diz o texto, é um peso que só cresce; já perdoar é o único alívio.

Há ainda a parábola dos operários da última hora, que incomoda nossa obsessão contemporânea por mérito e recompensa. Deus não distribui sua graça pela lógica do esforço humano. Os últimos podem chegar antes. Numa cultura obcecada por resultados e rankings, a gratuidade divina é um escândalo necessário.

Ao fim do mês, a pergunta decisiva: quem faz a vontade do Pai? O filho que disse “sim” e não foi ou o que disse “não” e depois foi? A resposta desmonta qualquer hipocrisia religiosa. De nada adianta ostentar o título de crente se o mandamento do amor aos irmãos é ignorado na prática.

A Exaltação da Santa Cruz e a memória de Nossa Senhora das Dores, celebradas em meados de setembro, lembram que o sofrimento não é castigo, mas caminho. Maria aos pés da cruz ensina que a confiança em Deus não se abala diante das adversidades, nem de uma eleição, nem de uma crise.

Ao aproximar-se das urnas em outubro, o eleitor é chamado a mais do que escolher um nome. É chamado a rejeitar a mentira, a perdoar adversários, a lembrar que a política, em seu sentido mais nobre, é serviço. O apóstolo escreveu certa vez que ninguém vive para si mesmo. O voto, afinal, também é uma forma de dizer para quem se vive. ●



Ave Maria

128 anos

Notas Marianas

SINAL DA CRUZ

Fazemos o sinal da cruz para lembrar que fomos salvos pela cruz de Cristo (cf. 1Jo 3,5; 4,10) e batizados em nome do Deus Trino: Pai, Filho e Espírito Santo (cf. Mt 28,19). É uma prática muito antiga da Igreja, pois já no século II Tertuliano recomendava: “Quando nos pomos a caminhar, quando saímos e entramos, quando nos vestimos, quando nos lavamos, quando iniciamos as refeições, quando vamos nos deitar, quando nos sentamos, nessas ocasiões e em todas as nossas demais atividades, persignamo-nos a testa com o sinal da cruz” (160-220 d.C.).